

## a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

*beatriz scigliano carneiro*

Início do ano 2020: um vírus do grupo corona, proveniente de animais silvestres, começa a se espalhar entre seres humanos por todo globo, causando-lhes uma doença inflamativa de base respiratória, a Covid-19. Menos de dois meses antes, esse novo coronavírus estava circunscrito à cidade de Wuhan, na província chinesa de Hubei. No entanto, sua capacidade de transmissão mostrou-se altíssima. Em seis meses, a partir de 1º de dezembro de 2019, data do primeiro caso confirmado, registrado em Wuhan, o número de infectados no planeta somou 6.057.853 pessoas com 371.166 mortes.<sup>1</sup>

Autoridades sanitárias e a Organização Mundial da Saúde (OMS), ligada à ONU, indicaram que o único meio de arrefecer o contágio seria conter a circulação das pessoas, mantendo-as em seus locais de moradia ou de confinamento. Seria como uma quarentena sem data para acabar. Fronteiras foram fechadas. Os transportes aéreo, rodoviário, ferroviário e marítimo foram suspensos. Escolas, fábricas e estabelecimentos comerciais foram

*Beatriz Scigliano Carneiro é doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP Pesquisadora no Nu-Sol. Contato: bmscarneiro@uol.com.br.*

a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

limitados e até impedidos de funcionar, no sentido de garantir um distanciamento entre as pessoas, quando não havia possibilidade de um isolamento restritivo. Apenas os hospitais, serviços de transportes de pacientes e outros serviços tidos como essenciais mantiveram-se ativos, em graus e períodos diferentes.

O planeta viveu algumas semanas de silêncio nas quais os ruídos sísmicos provenientes da terra prevaleceram sob os sons das atividades humanas, fato inédito desde a invenção dos sismógrafos.<sup>2</sup> Quanto às pessoas, muitas não conseguiam manter o isolamento ou se manterem isoladas. Pelo planeta, espalharam-se e intensificaram-se ações de solidariedade, como a distribuição de cestas básicas e a criação de redes de assistência a quem tinha dificuldade em se manter no isolamento. Grandes corporações, bilionários e milionários soltaram parte de seus lucros e fortunas para combater os efeitos da disseminação do novo coronavírus. Líderes locais mobilizaram recursos para atender suas comunidades. E alguns grupos anarquistas também se organizaram para criar redes de apoio.

O tema da chamada ajuda mútua, ou apoio mútuo, entrou na pauta como uma resposta às restrições causadas pela disseminação do vírus. O termo passou a descrever desde as ações dos anarquistas até iniciativas comunitárias e filantrópicas por todo planeta.<sup>3</sup> Segundo a historiadora e escritora estadunidense Rebecca Solnit, colaboradora da *Harper's Magazine* e do jornal *The Guardian*: “Há doze anos, o termo ‘ajuda mútua’ era, até onde sei, usado principalmente por anarquistas e acadêmicos. De alguma forma, migrou para o uso geral nos últimos anos e agora, no meio da pandemia, está em toda parte. A ajuda mútua geralmente significa ajuda oferecida com um espírito

de solidariedade e reciprocidade, muitas vezes vindo de comunidades em luta, empoderando aqueles que recebem ajuda e com um olhar para a libertação e mudança social. Significa coalizões de voluntários realizando trabalhos de reconstrução ou distribuição de alimentos ou apoiando setores de resistência. Um dos aspectos mais marcantes desta crise global é a quantia de formas de ajuda e solidariedade existentes. Essas novas formas de generosidade que estamos vendo: organizações, redes, projetos, doações, apoio e divulgação, numerosas além da conta, são uma explosão de engajamento altruísta.”<sup>4</sup>

No entanto, a ajuda mútua (em russo: *vzaimopomoshch*) continua uma das premissas das atitudes anarquistas. Essa ajuda, para ser efetivamente ácrata, ocorre sem que hierarquias sejam criadas ou mantidas. E, por ser qualificada de mútua, pressupõe reciprocidade. Ausentes as relações assimétricas, a reciprocidade flui sem estruturar desigualdades entre as pessoas.

A referência à língua russa não é fortuita. Piotr Kropotkin (1842-1921) trouxe para o anarquismo a “Lei da Ajuda Mútua” (О законе Взаимопомощи), título de uma conferência do zoólogo russo Kessler, que, em 1880, alertava para essa lei natural como tão ou até mais importante para a vida do que a lei da competição. Ambas as tendências, cooperação e competição, tinham já sido analisadas em 1859, por Darwin em *A origem das espécies*, mas neste foi mais enfatizada e disseminada a “seleção natural” das espécies e dos indivíduos que fossem mais eficazes na “luta pela sobrevivência”.

Havia uma predisposição geral na sociedade em se destacar apenas a “luta pela vida”, a “competição”,

a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

acompanhando tanto a teoria política da formação da sociedade como resultado de um “contrato” entre seres humanos, que seriam naturalmente destruidores de sua própria espécie, quanto a própria moral capitalista de competir por maiores lucros. Ao mesmo tempo, as propensões de cooperação dos animais e entre animais eram observadas por naturalistas, mas, na maioria das vezes, apareciam reduzidas a “amor e simpatia intra e entre espécies”, sem maiores desdobramentos.

Contudo, o alerta de Kessler acendeu o interesse do geógrafo Kropotkin em dar prosseguimento ao alcance desta noção, que não lhe era desconhecida. Na juventude, entre 1862 e 1867, Kropotkin estudou a natureza da Sibéria e arredores, onde servia como integrante do exército. Na natureza, não encontrou uma estrita competição pelos recursos vitais, tidos como escassos, mas observou uma cooperação entre animais, assim como a abundância. Também conheceu prisioneiros anarquistas em ermas penitenciárias siberianas, e graças a esses encontros, tomou contato com a obra de Proudhon (1809-1865), e, provavelmente, com a noção de mutualismo — organização social baseada em trocas recíprocas entre produtores associados em liberdade, sem leis coercitivas nem subordinação à comunidade.<sup>5</sup>

Kropotkin também conviveu com os nativos siberianos e com seu modo de vida igualitário, o que lhe deu base para romper com o Estado, com a hierarquia e a autoridade. A partir dessas experiências e contatos, deixou o Exército, suas obrigações familiares e se tornou atuante anarquista, dentro e fora das fronteiras russas.

Em 1890, lançando mão de seus estudos na Sibéria e graças a sua prática anarquista, publicou “A ajuda mútua entre os animais” e nos anos seguintes, divulgou outros artigos sobre o tema, entrando pela antropologia e história. Em 1902, exilado em Londres, publicou um livro em inglês, reunindo todos esses textos, denominado *Ajuda mútua como fator de evolução* (*Mutual Aid: a factor in evolution*). Em 1907, o livro foi traduzido para o russo, sob supervisão e revisão pelo autor, com o mesmo título, traduzido para o russo: *Взаимопомощь как фактор эволюции*.

Aqui entram as palavras russas *vzaimopomoshch* (*Взаимопомощь*), termo composto do adjetivo *vzaim*, que significa mútuo, recíproco, e o substantivo *pomoshch*, com o sentido de ajuda, assistência, socorro, e também apoio. *Pomoshch* carrega a palavra poder (*moshch*), envolvendo ação, e difere da palavra *ajuda* em português, que deriva do latim *adiuto* (em direção ao socorro), que também originou o inglês *aid*. Por sua vez, o *po* significa diminuição, pequenez, e no conjunto a palavra *pomoshch* se refere a uma situação em que há uma diminuição de poder e de capacidade em agir. Decorrente desse sentido surge a ideia de ajuda, assistência (outra tradução possível) que seria o ato de fornecer a alguém algo que se encontra diminuído.

Nas traduções em português do título do livro de Kropotkin a palavra *pomoshch* ora é traduzida por *ajuda*, ora *apoio*, às vezes por *assistência*, e até por *mutualismo*. A palavra russa *pomoshch* denota algo um pouco mais ativo que nosso termo *ajuda* e difere de *apoio* em sua acepção principal. O adjetivo *mútuo* mobiliza simultaneamente

a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

quem ajuda e quem é ajudado, intercambiando suas posições.

A palavra russa específica para apoio é *podderzhki*, que tem um sentido de ‘segurar por baixo, pela base’, e pode ser traduzida também por suporte, escora, defesa. O *podd* do termo russo refere-se a algo que está em baixo. A palavra apoio deriva do verbo apoiar, que deriva do italiano *appoggiare*, que deriva do latim *podium* (pódio).

A mutualidade seria a condição de trocas recíprocas. Na obra citada, a palavra “ajuda” (*pomosch*) é citada dezenas de vezes, contra não mais de meia dúzia de emprego da palavra “apoio” (*podderzhki*), que, aliás, não surge como sinônimo de “ajuda”. No decorrer de seu livro, em alguns trechos, Kropotkin coloca ambos os termos lado a lado, mantendo a distinção, e enfatiza a força da reciprocidade. Como, por exemplo: “A competição não é a regra no mundo animal, nem na humanidade. Entre os animais, limita-se a períodos excepcionais, e a seleção natural encontra campos melhores para sua atividade: melhores condições são criadas eliminando a competição por meio da *ajuda e do apoio mútuos*.”<sup>6</sup>

“A sociabilidade e a necessidade de *ajuda e apoio mútuos* são partes inerentes da natureza humana de tal modo que, em nenhuma época da História, encontramos seres humanos vivendo em pequenas famílias isoladas, lutando entre si pelos meios de subsistência.”<sup>7</sup>

Apesar da tradução correta ser a palavra “ajuda”, a decisão por “ajuda” ou por “apoio” para traduzir o potente *помощь* (*pomoshch*) do russo para o português aparentemente não traz implicações marcantes. Apenas indica que é preciso estar alerta quanto à perda da

força do sentido da noção e da intenção de Kropotkin, decorrente do emprego desses termos: *apoio mútuo*, *ajuda mútua*, *mutualismo*, por teorias organizacionais, por ações filantrópicas e caridosas, pela administração empresarial, por empreendedores neoliberais, por um capitalismo cada vez mais competitivo, mascarado de cooperação e sustentabilidade. Sem contar usos mais grosseiros: *ajuda mútua* chegou a sinonimar pirâmide financeira.

Kropotkin encontrou na “Lei da Ajuda Mútua” divulgada por seu conterrâneo zoólogo uma vertente potente e sólida, dentro dos cânones científicos estabelecidos no século XIX, para combater o crescente darwinismo social (*malgré* Darwin) da época. A seleção natural, que, segundo Darwin, teria impulsionado transformações na natureza, estava apresentada nessa concepção como o fundamento da desigualdade social, a qual se justificava pelo sucesso dos mais aptos e fortes na competição pela sobrevivência dentro do capitalismo. Por sinal, uma concepção que assombra até hoje, e muito!

A intenção do anarquista russo era enfrentar a inevitabilidade da seleção dos mais aptos pela vitória numa luta por recursos escassos. Comparados com a competição, a ajuda e o apoio mútuos comporiam um fator bem mais potente para a evolução, tema caro no século XIX e parte do XX, e para a manutenção da vida, não só das espécies biológicas, mas também das sociedades humanas. “Os mais astuciosos e sagazes são eliminados em favor daqueles que entendem as vantagens da sociabilidade [a necessidade do animal de se associar com seus semelhantes] e da ajuda mútua.”<sup>8</sup> Esse fator estaria na natureza, o que garantiria sua universalidade e

a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

uma conseqüente veracidade científica pelos parâmetros da época, e se estenderia a toda humanidade.

Hoje, a expressão *ajuda mútua* perdeu sua aura científica evolucionista, chegou a ser incorporada nas pesquisas ecológicas do século passado, que reforçaram a ideia da interação entre espécies em diversos ambientes do planeta. Conforme dito anteriormente, tal expressão vem hoje carregada de conotações institucionais, filantrópicas, religiosas; nomeia “técnica” de administração de corporações que estimulam “cooperação” entre seus colaboradores para melhor desempenho, e por aí vai. Talvez a expressão *apoio mútuo* carregue menos as distorções que o termo *ajuda* acaba atraindo.

Entretanto, importa reforçar a prática da reciprocidade, da mutualidade, ajuda ou apoio, nas atitudes dos anarquistas. São atitudes que tencionam atingir alvos, mudar valores, praticar liberdade, enfrentar assujeitamentos, demolir hierarquias, lutar em favor da expansão de vida. As formas que tais ações podem tomar não são e nem podem ser únicas e centralizadas. Há anarquismos, no plural, mas reunidos por uma linha nitidamente demarcada. O desenho é simples, como em um mapa, mas no campo real há a dificuldade de encontrar o contorno que separa as águas. Delimitações de fronteira sempre carregam alguma arbitrariedade e acabam dependendo de algum critério anterior à delimitação. Cabe então analisar a direção das forças, no que estas podem desembocar um pouco mais adiante e se isso corresponde a disposições ácratas. Tais indícios mostram a tênue linha divisória, mas, caso esta seja ultrapassada, os anarquismos desaparecem ofuscados pelas luzes da ordem hierárquica, baseada em autoridade e em projetos de assujeitamentos.

Os anarquismos se unem em seus propósitos gerais a partir de práticas de liberdade, o que implica atenção e lutas constantes. Os anarquistas se apoiam com reciprocidade, antes de tudo, pelas causas que defendem, mas também auxiliam e atraem forças dispersas que levam à consecução de metas libertárias.

A ajuda e o apoio mútuos entram aqui, juntos, como uma *premissa anárquica*, pois denotam valores e exigem comportamentos que se afastam da competitividade; da crença na sobrevivência do mais forte — leia-se “do mais capitalizado” —; do assujeitamento a um egoísmo “dividual”, programado por grandes corporações; da obediência e da crença na autoridade e nas relações assimétricas; entre outros elementos.

Mais de um século após Kropotkin ter demonstrado que “na luta pela vida, a sociabilidade é a maior arma em quaisquer circunstâncias”<sup>9</sup> importa um deslocamento dessa noção de ajuda mútua (ou apoio mútuo, caso se opte por essa tradução), considerada inicialmente como um princípio universal da vida, para um uso do termo como uma “máquina de guerra” nos dias atuais.

Inicialmente, cabe destacar as atitudes dos anarquistas enquanto práticas de liberdade. Aqui a referência é Foucault, que afirmou que passada a euforia de uma liberação decorrente de alguma luta social, apenas práticas de liberdade seriam capazes de evitar o estabelecimento de outras formas de dominação.<sup>10</sup> Isso não seria o que os anarquistas sempre apontaram, não só em seus textos, mas em suas ações? Um exemplo dos mais conhecidos está na descrição feita por Emma Goldman e Alexander Berkman *in loco* dos primeiros anos da Revolução Russa

a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

e da tentativa frustrada de ambos em impedir o massacre de Kronstadt pelo governo revolucionário, que lhes valeu a expulsão da Rússia em final de 1921.<sup>11</sup> Os anarquistas russos passaram a encher as prisões pós-revolucionárias, as quais aproveitaram a “estrutura” criada pela polícia do Czar, e a serem mortos, em nome da continuidade da revolução libertadora da classe dos trabalhadores.<sup>12</sup>

Para os anarquistas, os meios não podem ser justificados pelos fins, por mais “libertadores” que pareçam ser. Princípios de autoridade assimétrica, relações de dominação (recorremos à definição de Foucault) podem estar contidas nas ações, nas práticas, em direção aos alvos e metas anárquicas caso não haja uma atenção redobrada nos meios de combate. Aqui se destaca a demolição de hierarquias; destruí-las implica não as usar nem as recriar para se atingir alvos, mesmo os alvos “do bem ácrata”. As práticas de liberdade entram novamente. O calor de uma luta pode exigir uso de armas, mas criar e consolidar um Exército estariam fora do que é anarquismo. Cada caso precisa, porém, ser analisado pelas forças mobilizadas e pelo enfrentamento entre elas. Um exemplo seria os libertários na Revolução Espanhola e sua curta, mas intensa, experiência.

Não há uma doutrina anarquista, de cunho universalizante, e sim pluralidade de ações efetuadas pelos anarquistas, constituindo anarquismos, obviamente dentro de um escopo nítido. Se alguém se lembrar da existência de alguma cartilha ácrata, como a *Doutrina Anarquista*, de José Oiticica, escrita na prisão em 1925, ou o *Catecismo Revolucionário*<sup>13</sup> de Sergei Nechayev, ou o *Catecismo* de Bakunin, ambos do século XIX, cabe assinalar que são do-

cumentos que respondem às urgências do que os autores vivenciavam nos respectivos tempo e lugar.

Outro ponto a ser destacado, com grande efeito na definição de liberdade que se pratica, é o combate ao assujeitamento, é a luta contra a identidade, contra a subjetivação a nós impingida pelas relações de dominação, das quais muitas vezes nem nos damos conta. Essa questão tem atravessado os libertários e as libertárias há mais de dois séculos. Afinal, os pioneiros e as pioneiras do anarquismo inventaram outras práticas referentes às relações amorosas (amor livre), às relações com a natureza em geral (Thoreau, Élie Reclus, entre outros), com os animais (vegetarianismo), com o próprio corpo (nudismo), práticas que alteravam os modos de vida desde o século XIX.

Mais uma vez recorremos a Foucault: “a relação de si para consigo” como resistência às relações de domínio e hierarquia foi colocada por ele em estudos, a partir da filosofia grega, sobre a hermenêutica do sujeito e o cuidado de si. Essa questão pode ser ainda uma chave para uma vida anarquista, especialmente quando Foucault discute o modo de vida cínico para mostrar a relação da verdade, ou melhor, do verdadeiro, e das práticas de si.<sup>14</sup>

Entre as lutas que ele nomeia como “anárquicas” ou “antiautoritárias” estão batalhas contra o “governo da individualização”, lutas “contra aquilo que amarra o indivíduo a si mesmo e, dessa maneira, o submete aos outros.”<sup>15</sup> Seriam lutas imediatas, sem preocupação em ser encontrada para os problemas uma solução que vise um futuro.

Combater essa sujeição em nós mesmos implica uma mudança de valores. Aqui há uma aproximação a

a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

Nietzsche, à transvaloração a ser feita pelo além-do-homem. Mas para sermos mais diretos, comecemos a combater o ressentimento e seus efeitos em cada um e na chamada sociedade.<sup>16</sup> Apesar de não ser um valor moral em si, o ressentimento é uma condição ampla — baseada no cristianismo e nas hierarquias governamentais — gerador de valores que enfraquecem a vontade, impedem uma transformação de si, obscurecem o verdadeiro e bloqueiam a expansão da vida.

Hoje, século XXI, um dos alvos da resistência à sujeição está no problema do ressentimento devido a seus efeitos nada libertários, nada anárquicos, dos quais o ato de punir, o castigo, é o que mais se entranhou nas instituições ditas civilizadas e civilizatórias. Castigo, ressentimento, justiça, Direito, hierarquia, julgamento, tribunal e o pior de tudo, a crença que tais instituições defendem a liberdade.

Em oposição aberta ao ressentimento, caberia uma aposta na ajuda mútua delimitada pelo anarquismo e, portanto, desvinculada do ideal de “fazer o bem”, mas dentro de uma atitude que reforce o poder (*moshch*, que, reiteramos, faz parte da etimologia da palavra russa *pomoshch*, traduzida por *ajuda*) do “ajudado”, tornando-o mais potente. Potente e não empoderado. O empoderamento é a compensação recebida pelos ressentidos que sofrem com a sujeição; não há aqui ruptura alguma com relações assimétricas.<sup>17</sup>

A ajuda anárquica se volta contra qualquer assujeitamento que as redes de assistência possam propiciar quando combatem a disseminação do vírus e os efeitos deletérios da desaceleração das atividades. É libertária.

## Notas

<sup>1</sup> WHO. “Coronavirus disease (Covid-19) Situation Report n.133”, 1st June 2020. Disponível em: [https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200601-covid-19-sitrep-133.pdf?sfvrsn=9a56f2ac\\_4](https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200601-covid-19-sitrep-133.pdf?sfvrsn=9a56f2ac_4) (acesso em: 15/07/2020).

<sup>2</sup> “Covid-19: Quarentena promove diminuição de ruído sísmico... a Terra está mais silenciosa”, 04 de abril de 2020. Disponível em: <https://pplware.sapo.pt/informacao/covid-19-quarentena-promove-diminuicao-de-ruido-sismico/> (acesso em: 15/07/2020).

<sup>3</sup> Amardeep Singh Dhillon. “The politics of Covid-19: the frictions and promises of mutual aid” in *Red Pepper Editorial Collective*, 4 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.redpepper.org.uk/the-politics-of-covid-19-the-frictions-and-promises-of-mutual-aid/> (acesso em: 15/07/2020).

<sup>4</sup> Rebecca Solnit. The way we get through this is together’: the rise of mutual aid under coronavirus, in *The Guardian*, 14 de maio de 2020. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2020/may/14/mutual-aid-coronavirus-pandemic-rebecca-solnit> (acesso em: 15/07/2020).

<sup>5</sup> Pierre Joseph Proudhon. “Sistema Mutualista” in Edson Passetti & Paulo Resende (Org.). *Proudhon*. São Paulo, Ed. Ática, 1986, p. 122.

<sup>6</sup> Piotr Kropotkin. *Ajuda mútua: um fator da evolução*. Tradução de Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião/SP, A Senhora, 2009, p. 65.

<sup>7</sup> Idem, p. 127.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>9</sup> Ibidem p. 55.

<sup>10</sup> Michel Foucault. “L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté” in *Dits et Écrits. II*. Paris, Quarto Gallimard, 2001, p. 1529.

<sup>11</sup> Alexander Berkman. “A tragédia russa” (tradução de Beatriz Scigliano Carneiro) in *verve*. São Paulo, nu-sol, v. 12, 2007, pp. 81-115.

<sup>12</sup> Emma Goldman. “Minha outra desilusão na Rússia” (tradução de Anamaria Salles) in *verve*. São Paulo, nu-sol, v. 11, 2007, pp. 109-122.

<sup>13</sup> Sergei Nechayev. “O Catecismo Revolucionário” (tradução de Andre Degenszajn) in *verve*. São Paulo, nu-sol, v. 11, 2007, pp. 78-94.

a prática anarquista da ajuda mútua e seu sequestro na atualidade

<sup>14</sup> Michel Foucault. *A coragem da verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2017.

<sup>15</sup> Michel Foucault. “The subject and the power” in Hubert Dreyfus; Paul Rabinow. *Michel Foucault: beyond Structuralism and Hermeneutics*. Chicago, University of Chicago Press, 1983, pp. 212-222.

<sup>16</sup> Saul Newman. “Anarquismo e a política do ressentimento” (tradução Beatriz Scigliano Carneiro) in *verve*. São Paulo, nu-sol, v. 14, 2008, p. 146.

<sup>17</sup> Edson Passetti et. al. *Ecopolítica*. São Paulo, Hedra, 2019, pp. 345-346.

### *Resumo*

*Com a disseminação da Covid-19 pelo planeta, propagaram-se iniciativas de redes de auxílio, auto denominadas “ajuda mútua”. Aqui serão apresentadas algumas procedências do termo ajuda mútua e sua importância para os anarquismos, destacando-se as práticas de liberdade.*

*Palavras-chaves: Covid-19, ajuda mútua, Kropotkin, anarquismos, práticas de liberdade*

### *Abstract*

*As Covid-19 spreads across the planet, initiatives of support networks, self-proclaimed “mutual aid” have grown. Here we will present some provenances of the term mutual aid and its importance for anarchisms, highlighting the practices of freedom.*

*Keywords: Covid-19, mutual aid, Kropotkin, anarchisms, practices of freedom.*

***The anarchist practice of mutual aid, and its hijack nowadays, Beatriz Scigliano Carneiro.***

*Recebido em 8 de setembro de 2020. Confirmado para publicação em 15 de setembro de 2020.*